Dujarier, Michael, **Église-Fraternité. L'ecclésiologie du Christ-Frère aux huit premiers siècles.** Tome I : **L'Église s'appelle « Fraternité » (Ier – IIIe siècle)**, coll. « Patrimoines – Christianisme », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 498 p., 235 x 140, ISBN 978-2-204-09699-7.

«Fraternidade» é hoje uma palavra com grande actualidade, desde que o novo Papa, Francisco, a começou a utilizar como palavra-chave para aquilo que ele considera dever ser o elemento definidor da verdadeira Igreja. Ora, curiosamente, com esta opção, e com ou sem a consciência disso, o novo Papa está a reconduzir a Igreja à ideia e à realidade daquilo que foi sua marca nos primeiros séculos. Está, pois, na linha da «refontalização» de que tanto se falou na sequencia do Concílio Vaticano II.

Curiosamente também, antes de haver Papa Francisco, o autor deste livro – um sacerdote originário de Tours, doutorado em Teologia e a trabalhar em África, no Benin, onde exerce conjuntamente actividade docente e actividade pastoral – procura mostrar que assim foi efectivamente a Igreja, não apenas nos primeiros séculos, mas no decurso de todo o primeiro milénio. «Fraternidade» foi então um dos nomes mais significativos com que se designava a Igreja, exprimindo a união vital dos baptizados a «Cristo-Irmão».

A sua análise está planeada para três volumes, incidindo respectivamente sobre os séculos I-III (vol. 1), IV e V (vol. 2) e VIII (vol. 3), admitindo que esta ideia de fraternidade esteve adormecida durante os séculos VII e VIII. O primeiro volume leva como (sub)título «L'Église s'appelle 'Fraternité'»; para o segundo, o autor escolheu «L'Église est 'Fraternité'»; o terceiro terá como (sub) título «L'Église est 'Sainte Fraternité'».

Este primeiro tomo começa com uma série de estudos e considerações sobre a redescoberta da ideia de fraternidade para designar e definir a Igreja, desde o século XIX até ao Vaticano II e tempos subsequentes. Considera relevante, para o conhecimento desta perspectiva eclesiológica, o reencontro da «Igreja dos Padres». Uma primeira parte estuda o tema no século I; a segunda, no século II no mundo mediterrâneo; a terceiro, no século III, distinguindo o Oriente e o Ocidente. A quarta parte estuda a linguagem da fraternidade e a teologia do Cristo-Irmão nas Igrejas do século III (Tertuliano, Cipriano de Cartago e seus contemporâneos, Hipólito, Orígenes, etc.). Um último capítulo é dedicado ao assunto nos escritos sincréticos das correntes gnóstica e maniqueia.

Muito documentado, com abundância de citações em texto recolhido, extraídas dos autores que fundamentam a ideia de fundo, é um livro de cariz teológico bem elaborado, que prestará, sem dúvida, e mais ainda quando complementado pelos dois volumes em preparação, um bom serviço à eclesiologia.

Luís Salgado

Guibal, Francis, **À-Dieu. De la philosophe à la théologie ?**, coll. « Cogitatio fidei », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 290 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09851-9.

Um título à partida algo enigmático, para sugerir um texto muito sugestivo de reflexão filosófica e teológica no âmbito da teologia fundamental. «À-Dieu» não é aqui usado em substituição de um simples «adieu» de despedida, que não seja (apenas) em relação a uma certa segurança

dogmática do discurso sobre Deus. Antes leva consigo, de início, uma certa alusão de destinatário que, no caso, será o que designamos pela palavra «Deus». Um Deus que o autor considera ser a fonte simbólica de um misterioso apelo, por isso mesmo tendo estado sempre, mesmo que eventualmente sem a atribuição de um nome, no horizonte da sua reflexão, como também no da sua experiência existencial da vida. E que, ao mesmo tempo, interdita toda a tentação de, na nossa reflexão, nos apropriarmos dele. Trata-se sempre de um fazer caminho, pelo homem concreto, no qual experiência e reflexão ou pensamento são levados até ao limite deles mesmos: «ali onde a busca da realidade se experiencia inseparável de uma marcha para o desconhecido que impele para fora dos seus muros o homem de desejo» (p. 13).

Que é então a teologia – questiona o autor – senão esforço por se deixar conduzir por essa dinâmica interior, confiando-se o mais fielmente possível à verdade primeira de uma auto-revelação divina atestada em sinais da natureza e da história? Mas essa fidelidade, não será que ela exige, por sua vez, um esforço de investigação crítica (ou de conjugar o *Lógos* dos filósofos com o *Theós* da religião)? A sua resposta prática, assume o mesmo autor, tem sido a de examinar se e procurar saber como será possível, através de um discurso filosófico, «fazer ou deixar passar na argumentação coerente de um discurso "logicamente" articulado o sopro de uma Palavra que excede "poeticamente" os esforços de objectivação racional». Pressupondo uma certa tensão entre o discurso filosófico e o teológico, tenta então fazer um certo caminho que da filosofia tende a conduzir à teologia.

O livro consta de quatro capítulos. O primeiro e o quarto procuram precisar a articulação entre inspiração religiosa e reflexão filosófica. O primeiro, seguindo um exame e um discurso mais objectivos; o quarto, arriscando uma reflexão mais existencial. No meio, o autor prossegue uma reflexão semelhante, mas aqui centrando-se em duas tradições históricas postas em contraste. Através do seu reexame, lembra à inteligência teológica da fé as dimensões «fundamentais» da sua responsabilidade (cap. II), recolhendo em seguida os distanciamentos filosóficos que atestam, a seu modo, a importância da reflexão racional (cap. III). Com abundante bibliografia.

F. Guibal é professor jubilado na Universidade Marc-Bloch em Estrasburgo.

Jorge Coutinho

Heaney, Maeve Louise, **Music as Theology. What Music Says about the Word**, «Princeton Theological Monograph Series», Pickwick Publications, Eugene (Oregon – USA), 346 p., 230 x 150, ISBN 978-1-61097-450-9.

Um título algo estranho e que, como admite a autora, pode mesmo parecer pretensioso. E todavia, a mesma autora ousou assumi-lo. E mais: fê-lo tendo consciência explícita de que a teologia é, conforme a conhecida fórmula de Santo Anselmo, «a fé em busca da sua compreensão», convicta de que efetivamente a música pode prestar o seu contributo à compreensão da fé, por mais que este seja muito diferente daquele que lhe é prestado pela linguagem conceptual. É-lhe complementar, sendo que «há aspetos do Logos, ou do nosso Deus feito Palavra encarnada, que são melhor expressos através da música, e que a teologia fará bem integrando esta forma simbólica de expressão» (Introducion).